

FUNK É CULTURA NEGRA

Luciana Paula da Silva de Oliveira¹

O tema deste artigo é, na verdade, muito simples do ponto de vista antropológico. Qualquer polêmica ou burburinho advém necessariamente da não compreensão do conceito essencial em questão. Para o senso comum, cultura normalmente é considerada como a quantidade de educação formal que um

indivíduo ou grupo possuem, ou ainda relacionada ao tema da indústria cultural seguindo a linha analítica da Escola de Frankfurt.



Dançarinos no espetáculo "Os Clássicos do Passinho".
Foto: KristinBethge/Divulgação - folha.uol.com.br

Primeiramente cabe esclarecer que antropológicamente cultura é o modo como os grupos, as nações e os povos se organizam a partir dos costumes, hábitos e valores que possuem certos significados

que, por sua vez, só pode ser compreendido a partir da

lógica interna do povo do qual se observa. Desta forma, todos os povos, grupos ou nações possuem cultura e não é possível que haja uma hierarquização dos diversos modos de vida existentes no mundo.

Obviamente existe uma tendência em considerar a própria cultura como a mais correta, mais bonita ou ainda, a mais legítima. Isto acontece porque os indivíduos são socializados naquele ambiente, e assim a considera como a forma mais adequada para se viver. Entretanto, este modo de pensar pode gerar muitos conflitos entre grupos ou povos. Tendo em vista que se todos considerarem apenas a sua cultura como a correta, o outro sempre estará no erro. Isto chama-se etnocentrismo e justificou eventos históricos lamentáveis como a destruição das culturas indígenas, a diáspora africana, ou ainda o holocausto.

Por isso, a antropologia propõe um exercício que dá o nome de Relativismo Cultural. Que nada mais é do que a tentativa de se colocar culturalmente no lugar do outro, para compreender a lógica e o sentido dos costumes alheios. Certamente não é uma tarefa sempre fácil a ser realizada,

¹ Professora de Sociologia no CEP.

mas para a manutenção de uma sociedade mais pacífica, precisa ser feita cotidianamente.

Como tudo o que o ser humano produz é considerado cultura, independentemente de sua beleza, utilidade ou da moralidade, o funk pode ser analisado como um exemplo a ser confrontado para um exercício de relativização cultural. Em sala de aula essa experiência pode trazer grandes resultados pedagógicos na compreensão dos conceitos essenciais da antropologia.

O funk tem sua origem, na década de 50, da mistura de músicas negras norte americanas como o soul e o jazz. A cada década foi se transformando através da agregação de outras sonoridades produzidas pelo movimento negro. Chega ao Brasil em 1969 com Tim Maia e Toni Tornado junto ao fortalecimento do movimento negro dentro da música brasileira. Aqui ganha espaço nas periferias cariocas com letras erotizadas e a criação dos bailes funks, que se tornaram um espaço de lazer importante para a juventude negra. Conforme o tempo foi passando surgiram variações do funk, aqueles que denunciavam as desigualdades raciais e sociais, aqueles que brincavam com o consumismo (funk ostentação), aqueles com letras essencialmente machistas, aqueles produzidos por mulheres, negras e brancas.

Estudando as letras de muitos funks percebe-se que de fato, como uma expressão da realidade de certo grupo social, há muito de machismo e misoginia. Mas, se a sociedade brasileira foi construída sob uma base patriarcal, não seria um surpresa que estas músicas trouxessem esse tipo de ideologia. A antropologia ensina que hábitos de certo grupo social que firam os direitos humanos, por exemplo, só podem ser questionados por quem está de fora, se quem está dentro também o faça.

A partir desta regra, em sala de aula, buscou-se funks produzidos por mulheres, muitos ainda que reproduzem o discurso machista hegemônico, e outros que começam a despontar, subvertendo a ordem, dando à mulher o papel de protagonista no jogo de amor e sexo, temas recorrentes no mundo funk. Não se sabe ainda o impacto social do funk feminino no movimento feminista, entretanto, procurando pela alteridade pode-se acreditar que haja ao menos um questionamento das meninas negras da periferia sobre si mesmas.

No livro *Crítica da razão negra*, Mbembe observa que os negros só se reconheceram como negros quando foram assim designados pelos brancos. A partir daí, o movimento negro apropria-se dessa identidade, subvertem-na e constroem sua própria identidade, de modo positivo para a resistência cultural, que tinham que levar adiante para conquistar direitos numa sociedade essencialmente racista e segregadora.

Pode-se utilizar a mesma análise sobre o que as mulheres funkeiras passaram a fazer com suas músicas. Eram chamadas por nomes essencialmente humilhantes e degradantes que as colocavam numa posição de submissão ao machismo e à misoginia. Essas cantoras e letristas se apropriaram dessas palavras, resignificando-as para torna-las uma arma em

sua própria construção identitária como mulheres livres e donas dos próprios corpos.

Compreender tudo isso, em sala de aula, promoveu um ganho em qualidade e um aprofundamento das questões antropológicas que precisavam ser realizadas pela turma. O exercício de relativização foi realizado e nem por isso quem não gostava de funk passou a gostar. A construção de um indivíduo que consiga manter uma relação de alteridade com o diferente é o melhor resultado pedagógico que se pode desejar.

Referências Bibliográficas

Laraia, R. Cultura um conceito antropológico. Ed. Zahar. São Paulo, 2015.

Gomes, M. My pussy é o poder: representação feminina através do funk. UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

Marcondes, B. Como usar outras linguagens na sala de aula. Ed. Contexto. São Paulo, 2011.

Mbembe, A. Crítica da razão negra. Ed. Antígona. São Paulo, 2014.